

VERBO DIAGRAMADO E A PEDAGOGIA DO PRAZER

DIAGRAMMED VERB AND THE PLEASURE PEDAGOGY

Warley Oliveira Rosa ¹

Alceu Vanzing ²

Resumo

Neste artigo, o autor afirma categoricamente que o Verbo Diagramado, a exemplo de Albert Einstein, põe em evidência uma relação entre tempo e espaço. Registra como importante a pedagogia do prazer de Einstein e do Verbo Diagramado. Detém-se em análise de várias virtudes da didática inédita desse instrumento pedagógico para a conjugação verbal. Reserva espaço para lembrar que o Verbo Diagramado é remédio contra o narcisismo de alguns professores. Com apoio em pesquisas declara com firmeza que o Verbo Diagramado é vacina contra os reflexos condicionados negativos. Reserva um espaço para reflexão sobre o quanto a “ação” é importante e como o agir onímodo do Mentor do Verbo Diagramado deu vida a esse caminho inovador no solo fecundo dos verbos.

Palavras-chave: Verbo Diagramado. Didática inédita. Tempo/espaço no verbo. Pedagogia do prazer. Regra áurea.

Abstract

In this article, the author states categorically that the Diagrammed Verb, as well as Albert Einstein, puts in evidence a relation between time and space. He highlights as important the pedagogy of pleasure from Einstein and the Diagrammed Verb. He focuses in analyses of many unheard didactic virtues of this pedagogic instrument to the verbal conjugation. He finds space to remind us that the Diagrammed Verb is the antidote against the narcissism of some teachers. Based on researches, he declares firmly that the Diagrammed Verb is the vaccine against the negative conditioned reflexes. He finds space to the reflection of how important is the “action” and how the Diagrammed Verb Mentor broad-acting gave life to this ground breaking way in the creative soil of the verbs.

Keywords: *Diagrammed Verb. Unprecedented didactics. Time/space in the verb. Pleasure Pedagogy. Golden rule.*

Introdução

O estudo a respeito do Verbo Diagramado tem como meta mostrar essa inovadora maneira de conjugar verbos regulares e irregulares por meio de um diagrama único, precioso auxílio para professores e estudantes. Essa originalidade no trato com os verbos é uma das inovações da Neopedagogia àqueles que

¹ Licenciado em Letras pela UFRGS. Especialista em Neopedagogia da Gramática pela FATIPUC, de Canoas/RS. Especialista em Pedagogia com Habilitação em Orientação Educacional para 1.º Grau, pela UFRGS. Atualmente, sem vínculo institucional. *E-mail:* <prof.warley@yahoo.com.br>.

² Licenciado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas pelo UNILASALLE, de Canoas/RS. Pós-graduado em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa pela UFRGS. Professor nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Tecnologia IPUC – FATIPUC –, de Canoas/RS. *E-mail:* <professor.alceu@gmail.com>.

anseiam por uma arte de instruir prazerosa. Ora, a realidade há de ser a base de todo planejamento. Aquilo que existe realmente revela que, de acordo com o ambiente vivenciado pelo jovem, ou ele terá uma aprendizagem prazerosa ou acontecerão distúrbios de conduta e/ou de aprendizagem. Será que é assim? É! Por vezes, há professores que não têm paciência com embaraços ou hesitações de alunos, porque parecem sentir tais dificuldades como uma *ferida narcísica*, como bem observou Outeiral no seu livro *Adolescer – Estudos sobre Adolescência*. Por ser real o fato, reforça-se o pensamento de que é necessário reinventar a alegria com o estudo em geral e, claro, com os verbos.

Em sintonia com essa reflexão de atividade escolar dinâmica e alegre, necessário se faz o registro de que a Neopedagogia, ao reservar um espaço para o Verbo Diagramado, é o primeiro campo de pesquisas da Língua Portuguesa a ter a ideia de provar, por meio de um diagrama, que lidar com a palavra que se liga aos pronomes pessoais “eu, tu, ele, nós, vós, eles” é algo fascinante e instigante. Esse encanto com a conjugação verbal encontra apoio na lógica e na coerência dos fatos, os quais não foram vistos pela gramática tradicional. O estímulo para lidar com esse novo jeito de dizer ou escrever as flexões verbais também tem origem no nexo entre os tempos verbais como a Neopedagogia revela.

Um olhar atento ao diagrama leva satisfação a quem o estuda. Os pormenores atestam ser assim. O gráfico neopedagógico afirma ser possível *estudar, pesquisar e analisar* todos os verbos da Língua Portuguesa. Aí já está um estímulo a todos os que desejam lidar com os verbos sem ansiedade. Convém destacar que o professor Francisco Dequi, idealizador do Verbo Diagramado, como latinista que é, teve a percepção de usar o verbo *educere*, ou seja, eduzir com o seu propósito de “levar a perceber”. Eduzir quer dizer “extrair”, extrair aquilo que já existe na alma de quem estuda. Ora, quando existe interesse, embora, por vezes, algum estudante se ache “incapaz”, no momento em que acontece o entendimento de que o estudo dos verbos é algo encantador, como se vê no Verbo Diagramado, uma vida é transformada porquanto pôde manifestar o que já existia em sua natureza, fator que não vinha à tona por algum reflexo negativo condicionado.

Uma das virtudes do Verbo Diagramado está no fascínio inquestionável de que se pode estudar, pesquisar e analisar todos os verbos do nosso idioma. Mas, como é que fica, quando os ambientes são variados. Analisemos fatos: não obstante a diversidade ambiental, os bebês aprendem a caminhar mais ou menos na mesma

idade. Quando, então, começam as diferenças entre as crianças? Começam quando os professores são diferentes. Numa escola em que se ensine verbo à moda tradicional, passa o tempo e muitos estudantes continuam com dificuldades. Por outro lado, quando o novo caminho sugerido pela Neopedagogia faz parte da vida escolar, professores e alunos ficam mais animados com o estudo dos verbos.

1 O poder de encantar do verbo diagramado

Entre os atrativos para o estudo pelo diagrama, podemos destacar que ele permite verificar se o verbo é regular ou irregular, mas, além de indicar o modo como conjugar verbos regulares partindo do modelo e localizar as anomalias dos verbos irregulares, a didática inédita do Verbo Diagramado brilha, esclarecendo como reconhecer e separar os elementos que compõem o verbo: o radical, a vogal temática, a desinência modo-temporal e a desinência número-pessoal. Ao recordar tais pormenores, registramos encantos no manejo dos verbos. Ainda, é preciso ressaltar mais fatos: o diagrama ajuda a perceber a função de cada elemento estrutural e a confrontar as três conjugações verbais, verificando as semelhanças e dessemelhanças entre elas.

Ao conectar-se com o verbo eduzir, esse novo caminho da Neopedagogia quer puxar para fora da mente do estudante que se acha “burro” um potencial para a aprendizagem, porquanto o Verbo Diagramado revela, com precisão, que conjugar verbos é uma atividade que diverte a mente, aumentando a confiança do estudante na aprendizagem. Paremos, por instantes, para lembrar que o ambiente é o professor. O que sabemos sobre o ambiente? Como age? Quando age? Por serem diferentes entre si, os milhares de ambientes sugerem, obviamente, que o estudante, educado em qualquer um desses, aprenderá o que o ambiente ensinar. Infelizmente, há muitíssimos estabelecimentos escolares que, consciente ou inconscientemente, estimulam o decorar verbos e outros conteúdos.

Na busca de melhores dias para si e para os alunos, a Escola precisa recordar que **quanto mais ativo o ambiente, maior será a capacidade de a criança aprender. O ambiente ficará ativo com professores atualizados e cientes de que existem didáticas inéditas para transmitir conteúdos aos alunos.** Um professor que tenha a visão ampliada com apoio no Verbo Diagramado

certamente passará aos alunos uma matéria que tenha atrativos. Para ressaltar a importância desta ferramenta didática, inegável apoio aos professores, é preciso enfatizar que Francisco Dequi abordou o assunto verbos de acordo com a acepção *literal* de abordar. O verbo abordar em sentido denotativo significa “abalroar uma embarcação para tomá-la de assalto”. Em sentido figurado, por extensão, é que abordar tem a acepção de *tratar de ou versar*.

2 Didática de dequi aproxima-se de einstein

O professor Dequi, com o Verbo Diagramado, tomou de assalto a gramática tradicional e bradou: existe um caminho mais fácil para o mundo dos verbos. De repente, estudantes do ensino fundamental ao curso superior começaram a viver novos tempos. Impõe-se, então, observar que a *didática inédita*, idealizada pelo professor gaúcho Francisco Dequi, aproxima-se de Albert Einstein. A conexão com Einstein demonstra a acutíssima visão do idealizador da Neopedagogia, porquanto ciente de que a criança imita o comportamento dos outros, Dequi previu – e a experiência demonstra ser assim – que uma criança ou adolescente com a visão ampliada pelos conhecimentos úteis e práticos do Verbo Diagramado é exemplo salutar para colegas com dificuldades.

Albert Einstein e o professor Francisco Dequi, embora pertençam a diferentes campos de estudos e pesquisas, têm algo em comum na exposição de suas teses? A resposta é afirmativa. Considerado o maior sábio do século XX, Einstein, com a Teoria da Relatividade, trouxe esclarecimentos ao mundo da Física ao provar que tempo e espaço estão inter-relacionados. O professor Dequi, com o Verbo Diagramado, mostrou aos estudiosos que existe um relacionamento entre tempo e espaço no mundo da conjugação verbal. Dequi pôs em evidência essa inter-relação tempo e espaço ao dividir o diagrama em três quadros, contendo cada um deles quatro blocos modo-temporais. Já no primeiro quadro é possível perceber a conexão Einstein e Dequi, quando o mentor da Neopedagogia afirma que o espaço abaixo do presente do indicativo tem de ser reservado ao presente do subjuntivo.

A Teoria da Relatividade modificou muitos conceitos a respeito do espaço e do tempo. As opiniões sistematizadas do genial cientista podem ser entendidas com nitidez por aqueles que conhecem profundamente a Matemática e a Física. No que

diz respeito aos verbos, a ligação tempo e espaço como o professor Dequi explica no Verbo Diagramado é uma luz a quem estuda a Língua Portuguesa. O pesquisador gaúcho percebeu que o espaço ocupado por tempos verbais abaixo do presente do indicativo tem de ser cedido ao presente do subjuntivo e aos imperativos para que o estudante veja como fica fácil a conjugação.

Por instantes paremos para lembrar que a estante de Albert Einstein era repleta de obras de Matemática recreativa. Com o exemplo de valorizar livros que dão prazer e divertem, o grande sábio deixava a mensagem de que é preciso inventar novamente a pedagogia da satisfação com o estudo. Neste ponto, entra em cena a semelhança com o professor Dequi, pois ele também encontrou caminhos que levam o estudante a perceber com alegria como lidar com os verbos e com o nosso idioma.

O estudo do Verbo Diagramado permite inferir que, ao analisar o vínculo dos tempos verbais entre si, o professor Dequi se ateve ao sentido lato daquilo que a preposição *entre* significa. Ora, “entre” indica também “espaço que vai de um lugar a outro”. Então, com um olhar profundo de quem estuda impulsionado pelo encantamento de construir algo de positivo em benefício de quem estuda o nosso idioma, Dequi viu que o espaço reservado ao presente do subjuntivo tem de ser abaixo do presente do indicativo para que se veja, com nitidez, o quanto é real a conexão de um e outro tempo. Tal vínculo, seja salientado mais uma vez, se estende ao imperativo afirmativo e ao imperativo negativo, pois um fica ao lado do outro.

Sem tergiversar, lembremos que Luís Vaz de Camões e o padre Antônio Vieira construíram a primeira camada de tijolos e de cimento que deu estrutura à Língua Portuguesa. Registro que se impõe a propósito é o de que a Neopedagogia é a pedra que faltava no alicerce do nosso idioma. Como o Verbo Diagramado faz parte da Neopedagogia, é justo que se ressalte o brilho dessa nova maneira de conjugar os verbos. O caráter inédito da didática para a conjugação dos verbos como a Neopedagogia sugere inspira a que seja dada mais intensidade à tese de que Einstein e Dequi, não obstante os diferentes campos de trabalho e pesquisa, merecem estar juntos pelo labor fecundo e pelo caráter inédito das contribuições que trouxeram. Einstein menciona que a Teoria da Relatividade é uma doutrina segundo a qual o tempo e o espaço são grandezas inter-relativas, não podendo, pois, ser consideradas independentemente uma da outra.

O advérbio independentemente explica o porquê da aproximação de Dequi com Einstein. De que maneira? Dequi percebeu que existe uma relação biunívoca entre o tempo verbal que dá origem a outro e o espaço vicinal que os deve unir para fins didáticos. Assim, ao formar os blocos dos tempos no Verbo Diagramado, Dequi fez uma “reforma agrária” nas áreas usadas pela gramática tradicional, redistribuindo a extensão dos terrenos destinados aos tempos verbais, os quais devem ficar próximos em virtude do vínculo que existe entre o tempo derivado e o que dá origem a ele. Por quê? A inferência é lógica: os tempos verbais que estão conectados não podem ser considerados sem levar em conta a ligação que existe entre eles. Por isso, seja ressaltado mais uma vez, o espaço próximo ao verbo que dá origem a outro tempo tem de ser reservado àquele tempo verbal com o qual exista uma conexão lógica, como o Verbo Diagramado comprova.

Imperioso é, então, enfatizar: a teoria física segundo a qual o tempo e o espaço são grandezas relacionadas entre si ensina que tais grandezas não podem ser consideradas independentemente uma da outra. Esse conjunto de opiniões sistematizadas no campo da Física é conhecido como a Teoria da Relatividade do genial Albert Einstein. Circungirando a ideia de que o tempo e o espaço são grandezas inter-relativas, é possível constatar que o professor Francisco Dequi, incansável pesquisador na área da Língua Portuguesa e mentor da Neopedagogia, realmente criou um novo caminho para o ensino do nosso idioma, aproxima-se de Einstein com a tese do Verbo Diagramado. Dequi também viu conexão entre tempo e espaço no estudo das palavras que exprimem, por flexões, ação ou estado.

Com o Verbo Diagramado, uma obra ímpar no nosso idioma, que faz parte da Neopedagogia da Gramática, o professor Dequi percebeu uma das grandes virtudes da proposição que ele apresentou para ser comentada, analisada e discutida com base no fato de que "o tempo verbal está relacionado com o espaço mais adequado a ele, ou seja, o tempo que deriva, logicamente, de outro". Convém esmiuçar a reflexão. O espaço abaixo do presente do indicativo só pode ser o presente do subjuntivo, o qual só ganha materialidade na linguagem formal quando o presente do indicativo tem a primeira pessoa do singular. Por quê? Aí mais uma das virtudes da Tese, porquanto Dequi se deu conta de que basta mudar a última vogal da primeira pessoa do presente do indicativo para que o presente do subjuntivo seja conjugado. E é assim. Os verbos defectivos confirmam a assertiva.

Como eles não têm a primeira pessoa do presente do indicativo, não podem materializar-se no presente do subjuntivo.

Uma vez verificada a possibilidade legal de se conjugar, conforme a norma culta, o presente do subjuntivo, outra ligação entre os tempos verbais aparece: o imperativo negativo sempre é conjugado de uma maneira muito prática: somente colocar a palavrinha "não" antes das formas verbais do presente do subjuntivo. Mais uma vez se vê que o espaço reservado ao imperativo tem de ser ao lado do presente do subjuntivo com uma particularidade: o imperativo negativo, conforme já referido, ao lado do advérbio não, e o imperativo afirmativo tem sua distância, ou seja, seu espaço entre os tempos assim: tu e vós saem do presente do indicativo menos a letra "s", e as outras pessoas são retiradas do presente do subjuntivo, sem sofrer nenhuma mudança.

O destaque ao aspecto de inter-relacionamento de um tempo com o outro mostra, portanto, que o Verbo Diagramado tem o hábito de praticar o bem por facilitar aos estudantes maneiras diferentes para entender e conjugar os verbos. Dequi foi mais longe e mostrou com precisão matemática que o tempo verbal do pretérito perfeito exige que o espaço ao lado dele tem de ser reservado aos tempos que tenham origem no pretérito perfeito, como será visto ao longo do trabalho. Uma pausa se impõe aqui pela necessidade de se observar outros pontos de afinidade entre Albert Einstein e Francisco Dequi. O livro *O Universo e o Dr. Einstein* contribuiu para apreciação das semelhanças no trabalho do autor da Teoria da Relatividade e do idealizador de Neopedagogia.

2.1 Dequi e Einstein em linhas paralelas de ação

Para Albert Einstein, a mais bela e profunda emoção que se pode experimentar é a sensação do místico. Ele, o místico, disse Einstein, é o semeador da verdadeira ciência. Uma das ideias de ciência qual é? Conjunto de conhecimentos organizados sobre determinado assunto. Ora, a Língua Portuguesa é solo opimo para estudos e pesquisas. Nos tempos modernos, Dequi merece encômios por ter sido a grande voz que reuniu uma totalidade de assuntos da *Última Flor do Lácio*, mostrando novos caminhos para compreensão do idioma de Camões. É preciso acompanhar o pensamento de Einstein para entender Dequi. Dizia o

notável cientista, como se pode ver no início do livro *O Universo e o Dr. Einstein*, de Lincoln Barnett.

Aquele a quem seja estranha tal sensação (a do místico), aquele que não possa devanear e ser empolgado pelo encantamento, não passa de um morto... Saber que realmente existe aquilo que é impenetrável a nós, e que se manifesta como a mais alta das sabedorias e a mais radiante das belezas, que as nossas faculdade só podem entender em suas mais primitivas formas – esse conhecimento, esse sentimento está no centro mesmo da verdadeira religiosidade. (BARNETT, 1950)

Com base nessa citação, constata-se o fato que Dequi foi e é um pesquisador empolgado pelo encantamento de construir uma obra de arte como é a Neopedagogia. Essa religiosidade vislumbrada por Einstein também está na obra do professor Dequi. É assim. Somente aquele que está envolvido por um espírito de grandeza, com o propósito de construir algo em favor da humanidade, é incansável nos estudos e nas pesquisas. E o professor Dequi, movido pela força superior do encantamento de realizar uma obra de arte em favor daqueles que estudam o nosso idioma, dedicou seu tempo até materializar em úteis estudos as suas revolucionárias pesquisas.

É atribuído a Santo Agostinho o pensamento de que “A Esperança tem duas filhas lindas: a indignação e a coragem”. Na opinião do filho de Santa Mônica, “a indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão, e a coragem nos ensina a mudá-las”. A vida de Francisco Dequi parece ter sido pautada por muitos pontos positivos, entre os quais esses referidos pelo ilustre Doutor da Igreja. No bom sentido, Dequi sempre foi indignado com o ensino tradicional da gramática em virtude de haver falta de praticidade para explicar muitos porquês. E por ser um idealista, ele vem lutando, há vários anos, para mudar essa realidade densa e pesada que mexe com a autoestima dos estudantes, alertando que existem caminhos mais prazerosos no estudo.

Vejamos os fatos em sequência. Como já referido alhures, Dequi observou algo que nunca foi visto: o lugar do presente do subjuntivo é abaixo do presente do indicativo, porquanto o presente do modo das hipóteses só tem vida quando existe a primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Ao dar-se conta da conexão entre os tempos, o estudante percebe, com mais nitidez, como a conjugação verbal se torna mais atraente. Constatado esse vínculo, o imperativo negativo surge em cena simplesmente com a presença do advérbio *não*. Confirmada a materialidade do presente do subjuntivo, o imperativo afirmativo ganha espaço com a participação do

presente do indicativo, que cede a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural menos a letra “esse”, e com as outras pessoas saindo do presente do subjuntivo, sem alterações.

2.2 O que o Verbo Diagramado deixa transparecer indiretamente

Ainda que pareça enfadonho, convém repetir para que o estudante fixe a lição que o Verbo Diagramado deixa transparecer indiretamente: Cuidado com os verbos defectivos, pois quando não existe a primeira pessoa do presente do indicativo, não é possível formar o presente do subjuntivo. Com apoio no arrazoado feito até agora, é possível perceber que entre as virtudes do Verbo Diagramado está também outra ligada à Regra Áurea dos verbos que vacina os estudantes contra armadilhas em provas escolares ou mesmo em concursos por comprovar que existe satisfação em conjugar conforme orienta o Verbo Diagramado. Dequi menciona que a REGRA ÁUREA diz que “Todo verbo derivado segue a conjugação do seu primitivo.”

Como se vê pelos argumentos acima, existem maneiras bem práticas de ser feita a conjugação verbal. Tais métodos de lidar com a categoria gramatical que mais flexões apresenta apareceram no mundo da Língua Portuguesa graças ao trabalho paciente do professor Francisco Dequi que, por meio de uma didática inédita, conforme os comentários já feitos, demonstra que está na hora de dar um basta ao tradicional esquema conhecido como “decoreba”. O modo de lidar com os verbos com base no Verbo Diagramado está estimulando os estudantes a deixarem de lado aquela mania de decorar sem se importar em aprender.

2.3 O Verbo Diagramado leva a perceber

Aquela estratégia de decorar conteúdos apenas para prestar exames começa a perder a força quando o Verbo Diagramado surge como uma luz para professores e estudantes. É pretensiosa a afirmação? Pode parecer que sim, mas a experiência está deixando claro que o Verbo Diagramado “Leva a perceber”, contribuindo para que aumente a autoestima e a autoimagem de professores e de alunos. Acrescenta-se o fato de que o mundo verbal visto pela Neopedagogia apresenta algumas soluções, entre as quais o domínio de todos os seus morfemas constitutivos e a localização, com precisão matemática, das eventuais irregularidades dos verbos.

É cediço o entendimento de que o ambiente é professor. Nos dias que correm, nos primeiros momentos da segunda década do século XXI, o meio em que muitos estudantes vivem está habituado a seguir aquilo que é tradicional, sem investigação de pesquisas atuais como as que a Neopedagogia traz para o debate, ressaltando-se, entre tantas, o estudo dos verbos. Muitas escolas, esquecendo que “hábito é a repetição frequente de um ato”, talvez, até, procurar melhorar o ensino, mas continuam presas a didáticas inexpressivas, as quais não funcionam e, por vezes, criam ansiedades até para os professores. E é assim, pelo fato de muitos estabelecimentos de ensino ainda lidarem com os verbos, valendo-se do sistema tradicional, aquela antiga maneira de “decorar”, a qual, todavia, sugere que se procura reter na memória o conteúdo com a finalidade de prestar exames.

Já foi dito alhures ser preciso reinventar a pedagogia do prazer. Nesse particular, a Neopedagogia, por meio de suas teses, as quais já foram apresentadas em Paris, em Cabo Verde, etc. Ela diz que “existem novos e prazerosos caminhos para o ensino da Língua Portuguesa”. No caso específico do Verbo Diagramado, o olho aquilino do professor Francisco Dequi pôs em evidência didáticas inéptas, as quais vão ao encontro daquilo que muitos professores precisam: ver o solo opimo dos verbos de uma maneira muito prática em que há prazer no estudo. Estando os professores felizes graças à habilidade em lidar com o conteúdo, naturalmente haverá reflexo na relação aluno-professor.

3 Professor bem preparado com o verbo diagramado

Uma relação atenta da realidade comprova que o professor, estando mais bem preparado, manterá um vínculo mais cordial com o aluno. Por isso, pode-se afirmar que um bom ambiente escolar proporciona ao estudante sensação de euforia e bem-estar. E é assim, ainda mais quando o professor tem ferramentas positivas para si, as quais passam aos alunos. Esse clima de vínculo ideal é muito importante para transmitir aos jovens a mensagem de que a Escola procura atualizar-se e quer sempre que o aluno se dê conta de que é capaz e que pode ter sucesso. O ambiente positivo é, pois, uma vacina contra a impressão negativa que alguns estudantes possam ter de si. Ainda mais quando, por meio de uma didática inédita,

como é o caso do Verbo Diagramado, ao “perceber” que os conteúdos têm uma lógica de conexão, o estudante ganha novo ânimo e vai em frente.

A didática inédita do Verbo Diagramado merece muitos aplausos pelo seu elevado alcance social. Ao ser levado a perceber que o mundo dos verbos tem encantos, o estudante melhora a sua própria imagem e por ter entendido o quanto é fascinante e agradável lidar com os verbos, ele, o jovem que se dá conta, de repente, de que tem capacidade, cria um novo mundo para si. E o aluno que passa a se valorizar mais é alguém que, pelo exemplo, vai dizer a outros jovens na comunidade que estudar é mais agradável do que parece. Envolvido com o campo dos estudos, os jovens devem afastar-se das drogas. Sim, porque irá para o caminho pedregoso quem não gosta de si e acha que é “burro”.

3.1 Ferida narcísica de professores

Envaidecido com o trabalho que realizam alguns professores ficam contrariados quando alunos não captam a matéria que está sendo analisada. Como já referido no início deste trabalho, o psiquiatra gaúcho José Outeiral comenta o surgimento, por vezes, de uma ferida narcísica, pois o contratempo mexe com o orgulho do professor. Aqui, cabe a observação: “O Verbo Diagramado é uma vacina contra esse narcisismo”. Infelizmente, há pais e professores que dizem a crianças que elas são pouco inteligentes. Há pais e professores que rotulam as crianças. Em uma palestra na Associação de Hipnologia, em 1974, veio à luz uma doença pouco conhecida: didascogenia. “Didascolos”, em grego, significa mestre, e “genia”, origem. Por isso, doença causada no aluno pelo professor. O aluno, que escuta de um educador palavras como “Burro, tu nunca vais aprender Português”, fica com o registro de que não tem capacidade. Assim, por influência de circunstâncias que, às vezes, acontece na Escola, um aluno marca passo, mas, seguramente, com uma didática rica em pormenores como é o caso do Verbo Diagramado, o reflexo condicionado vai perdendo a força que tem.

Outro caso tirado da realidade revela o trauma de uma menina com 8 anos. Num dia em que a professora explicava contas, a garotinha pediu para ir ao banheiro. A professora não permitiu, e a roupa da aluna ficou molhada por não segurar a ação renal. O comentário da professora foi: “Porca! Relaxada! Não tem vergonha na cara!” Durante muitos anos, essa menina tinha pavor de Matemática,

até que, com apoio especializado, o assunto veio à tona e o problema foi resolvido. A casuística que ilustra esse momento da reflexão tem como objetivo provar que uma didática prazerosa ajuda a superar agressões emocionais que educandos carreguem em suas almas. É o caso específico da Neopedagogia com seus brilhantes caminhos como o Verbo Diagramado.

O arrazoado feito até aqui pode dar a impressão de que talvez não seja assim tão fácil. É preciso, então, dar destaque a outras virtudes da ferramenta verbal neopedagógica. Quais são essas qualidades que, em tese, produzem efeitos positivos? Essas qualidades merecem registro relevante, porque não aparecem nas gramáticas. Nas gramáticas não, mas, no Verbo Diagramado, tais virtudes estão presentes como luzes a esclarecer a quem estuda. É preciso fazer uma pausa para dizer que existem constatações com o carimbo do advérbio sempre: o imperativo negativo sempre será uma cópia fiel do presente do modo subjuntivo antecedido do advérbio NÃO; o imperativo afirmativo sempre busca duas formas do presente do indicativo e três do presente do subjuntivo.

3.2 Lugar de destaque ao advérbio SEMPRE

O advérbio SEMPRE marca presença também na área reservada aos sufixos modo- -temporais: no segundo e no terceiro quadros, são sempre os mesmos. Tempos do segundo quadro: pretérito perfeito do modo indicativo, pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo, pretérito imperfeito do modo subjuntivo e futuro do modo subjuntivo. Tempos do terceiro quadro: futuro do presente do modo indicativo e futuro do pretérito do modo indicativo. O terceiro quadro conta ainda com a presença das formas nominais: o infinitivo impessoal e o infinitivo pessoal, o gerúndio e o particípio.

As particularidades acima referidas não aparecem na apreciação dos modos e tempos verbais nas gramáticas, mas, no Verbo Diagramado, os pormenores têm comentário com o objetivo de incentivar quem estuda a observar o quanto há lógica nas conexões de um tempo verbal com outro, se for respeitado o critério derivacional. Foi aí, por ater-se à relação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo, que o professor Dequi se aproximou de Einstein ao falar também na inter-relação entre tempo e espaço.

3.3 Verbo Diagramado – remédio contra condicionamentos negativos

Em tese, o magno objetivo da escola é ajudar a criança a dar-se conta de que é capaz e de que pode ter sucesso. Com os novos caminhos enxergados pela Neopedagogia e apenas pela Neopedagogia, pode-se prever um futuro auspicioso para professores e alunos e também para as crianças e adolescentes dos anos vindouros. Previsão com base em quê? Vamos ao encontro de Hanna Arendt. Diz essa pensadora judia que “a ação é uma das mais significativas experiências humanas”.

O agir incansável do professor Dequi, marcado por uma ação onímoda ao longo dos anos por abranger tudo o que se relaciona com os verbos, materializou-se em teses tão úteis ao estudo que é possível, por isso, prever o efeito da multiplicação das sementes, nos dias atuais, junto a estudantes de diferentes níveis de ensino. Já foi observado e vale repetir à exaustão que o fascínio de uma didática inédita como o Verbo Diagramado é remédio contra os condicionamentos negativos. Louvar-se a ação benfeitoria por quê? Porque a não-ação, a omissão, “é pecado que se faz não fazendo”, como bem salientou o padre Antônio Vieira no século XVII.

3.4 Verbo Diagramado jamais terá fim

Se o Verbo Diagramado não tivesse surgido no cenário da Língua Portuguesa, ainda estaríamos estudando os verbos na base do “decoreba”. Indo ao encontro de Hanna Arendt novamente, no seu livro *A Condição Humana*, vamos dar-lhe razão quando ela afirma que “o motivo pelo qual jamais podemos prever com segurança o resultado e o fim de qualquer ação é simplesmente que a ação não tem fim”. Com a permissão da ilustre pensadora, podemos prever o fim da era decoreba no estudo dos verbos graças ao surgimento do Verbo Diagramado. A ação aparecida com essa nova maneira de conjugar, que é tese da Neopedagogia, certamente não terá fim, porque existe o reconhecimento de que o Verbo Diagramado é, efetivamente, uma luz, luz intensa, para se lidar com os verbos.

Ainda com apoio em Arendt, como se vê no livro referido no parágrafo anterior, vamos pensar no fato de que “o processo de um único ato pode prolongar-se, literalmente, até o fim dos tempos”. Todas as ponderações feitas levam-nos a considerar o quanto é significativo e de vital importância aquilo que é construído

para o bem. No tema em discussão, o Verbo Diagramado, com apoio na riqueza de orientações que dá ao estudante, marca presença como uma luz que ilumina o caminho. É por isso, pelo fato de as teses da Neopedagogia serem vistas como ação benfazeja e profícua em favor do próximo que se pode sorrir, comentando com alegria: “Eis aí uma ação que não terá fim por ser útil a todos aqueles que incursionam pelo mundo dos estudos da *Última Flor do Lácio*.”

Em reflexão anterior, foi lembrado que pais e mestres, por vezes, dizem a crianças que elas não são inteligentes. O rótulo à criança e ao jovem é algo a ser banido dos lares e das escolas. O Verbo Diagramado pela praticidade que tem, por revelar de maneira nunca vista como é agradável trabalhar com os verbos, aumenta a confiança do educando no sentido de que ele é capaz. Assim, embora o ambiente no lar seja denso, o estudante terá progressos com uma didática que mostre que ele tem capacidade. A discussão sobre o ato de classificar alguém com impropriedade é oportuna e ressalta a importância da Neopedagogia e a importância do Verbo Diagramado por “levar a perceber” o conteúdo com alegria.

Crianças e adolescentes submetidos a procedimentos marcados por flagrante incoerência tornam-se seriamente perturbadas. Em tese, pais e mestres devem ajudar o estudante a formar uma imagem positiva de si mesmo. Quando a realidade mostra o contrário, registrando o fato de que falta sensibilidade dos genitores e dos professores, avulta a presença de técnicas como o Verbo Diagramado. Sim, porque ao dar-se conta de que existe encanto na conjugação verbal, o estudante, ainda que o seu ambiente seja, como já se viu, um tanto quanto difícil e sem vivacidade, começa a adquirir confiança em si, e confiança é fator preponderante para atingir o sucesso.

3.5 Verbo Diagramado com luzes que as gramáticas tradicionais não têm

O Verbo Diagramado pode ajudar em tudo. Ajuda com as formas rizotônicas? O estudante com baixa autoestima toma conhecimentos das formas rizotônicas nos verbos, mas não consegue entender. Não consegue entender, porque as gramáticas tecem comentários sobre as formas rizotônicas, mas não se detêm em particularidades como o faz a Neopedagogia. Com O Verbo Diagramado, aprendemos que as formas rizotônicas **sempre** têm lugar fixo no diagrama. Quando se faz referência à presença rizotônica, convém lembrar que

Rizotônica significa dizer que possui a vogal tônica no radical. Essa rizotonicidade somente figura nos quadriculos negritados. As demais formas são todas arrizotônicas, isto é, possuem a vogal tônica fora do radical. (DEQUI, 2002, p.73)

Como encontrar o radical que é a alma de qualquer verbo? É fácil, é simples. O professor Dequi tem orientado sobre os procedimentos:

Como extrair o radical de um verbo? É simples. Basta tomar o seu infinitivo e fazer-lhe dois cortes, partindo da direita para a esquerda: a) amputar o “R”, marca do infinitivo; b) cortar a VT (**a**, **e** ou **i**). O que sobra é o radical. (DEQUI, 2002, p.47)

Estamos afirmando até aqui que o Verbo Diagramado traz esclarecimentos que não se encontram em gramáticas. É verdade, porquanto os livros que expõem os assuntos de uma língua não vêm explicando com precisão os temas de que tratam. Nesse particular, convém salientar que o Verbo Diagramado é rico ao descrever pormenores que as gramáticas não comentam. Pelos esclarecimentos que tem trazido aos estudantes e aos estudiosos do nosso idioma, o professor Dequi tem colocado “o tijolo que faltava” para mandar embora dúvidas eventuais. Caso bem particular está relacionado com os imperativos. A riqueza dos pormenores é uma marca do Verbo Diagramado. A leitura atenta da obra mostra que é assim. Dequi explica que a lição vale PARA TODOS OS VERBOS no imperativo negativo, tempo que é cópia fiel do presente do subjuntivo precedido do advérbio não. No que diz respeito ao imperativo afirmativo, o Verbo Diagramado salienta que a única exceção é o verbo ser, pois, para TODOS os demais verbos, é só tirar as segundas pessoas do singular e do plural do presente do indicativo, eliminando o “esse”, e as demais do presente do subjuntivo.

3.6 Verbo Diagramado ajuda a elevar a autoestima do estudante

É doloroso dizer que em alguns lares e em algumas escolas, pais e mestres estão produzindo crianças inseguras e infelizes. Consciente ou inconscientemente, tais fatos atestam uma realidade. Inconscientemente merece registro, porque, quando um dos genitores (ou os dois) verbaliza que nunca aprendeu Português e que os verbos nunca “entraram na cabeça”, está transmitindo uma mensagem de dificuldade. É aquela velha história de que “o ambiente é professor e de que a criança aprende o que vive”. Mas, aí, em consonância com as apreciações já feitas,

reforça-se o pensamento de que uma didática inovadora como o Verbo Diagramado é, realmente, uma luz por ajudar o estudante a dar-se conta de que ele é capaz. Talvez alguns terapeutas até comentem que “esse tal de Verbo Diagramado está fazendo concorrência”. A afirmação não é resultado de delírio, pois a maneira de instruir é tão rica que transforma vidas.

Qual a gramática que se detém na minúcia de que “com exceção de três verbos (dizer, fazer e trazer), **todos** os futuros do presente e do pretérito do indicativo formam-se, adicionando “ei/ia” ao infinitivo?” **É difícil responder, porque o livro Verbo Diagramado é obra inédita no Brasil e em Portugal.** É preciso saber também qual a gramática que torna evidente o fato incontestável de que as três conjugações apresentam o segundo e o terceiro quadros quase coincidentes. Isso quer dizer o quê? Simples: o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo são parecidos com pouca diferença, nos verbos regulares. E é assim também no terceiro quadro, espaço em que aparecem o futuro do presente e o futuro do pretérito com o infinitivo pessoal e com as formas nominais. O debate tem só uma resposta: apenas o Verbo Diagramado comenta o assunto, indo mais longe ao esclarecer que a única diferença está apenas na substituição da vogal temática.

3.7 Arma contra o reflexo condicionado negativo

O presente trabalho também quer destacar que o Verbo Diagramado é uma arma contra o reflexo condicionado, cujo mecanismo está na raiz de todos os nossos hábitos, bons ou maus. Tal reflexo vincula o comportamento de nosso corpo com as situações que encontramos no mundo. Por ser assim, temos ponderado que pais e mestres devem cuidar aquilo que falam com as crianças e com os adolescentes. Aqueles que têm a missão de educar e de instruir precisam ter em mente lição do Dr. David Harold Fink, neuropsiquiatra em Beverly Hills, na Califórnia, e ex-professor na Universidade de Michigan. Alerta ele: “A tensão nervosa não existe no vácuo. Não existe exclusivamente dentro do sistema nervoso. Existe em todos os órgãos do corpo. Quando há uma luta emocional no indivíduo, os órgãos como que entram em choque uns com os outros. A tensão nervosa é física. Daí a razão de tantas doenças serem ocasionadas por conflitos emocionais” Essas palavras, que aparecem na página 12 do livro *Domine o seu Sistema Nervoso* do dr. Harold Fink, estão dizendo

que realmente as escolas precisam de uma “pedagogia prazerosa”. O Verbo diagramado traz significativa contribuição.

A inferência emerge fácil: a tensão nervosa é física. Daí, como explica Fink, essa é a razão por que tantas doenças são ocasionadas por conflitos emocionais. Saber de cor o que é EMOÇÃO e saber sobre as suas implicações é conveniente também. Saber por que e para quê? Para guardar na consciência que o educador tem o dever e a obrigação de provocar emoções agradáveis. Qual a relação com o Verbo Diagramado? O Verbo Diagramado é estudo prazeroso, é estudo que permite ao educando dar-se conta de que ele tem condições de evoluir. O Verbo Diagramado faz parte daquele rol de conteúdos que provocam emoções agradáveis. Com ele, desaparece aquele desconforto de achar que é uma “chatices” estudar verbos. Em resumo, o processo ensino-aprendizagem precisa saber que a EMOÇÃO é reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, o qual se acompanha de um estado afetivo de conotação penosa ou agradável. Levemos, pois, situações agradáveis aos educandos.

O Verbo Diagramado tem também a virtude de terminar com o trauma para reconhecimento dos morfemas. Mas o que é morfema? Dequi, na Neopedagogia da Gramática, transmite conhecimentos a respeito do assunto, afirmando que “Morfemas são constituintes significativos com que estruturamos as palavras”. Na sequência das considerações, a obra Neopedagogia da Gramática torna claro algo que tem incomodado a estudantes e àqueles que enfrentam concursos. Explica que os morfemas se dividem em quatro grupos, um dos quais merece atenção pelo fato de, às vezes, ser pedido em editais de concursos, os amonemas. Lembremos os quatro grupos: **RADICAL – morfema-núcleo, sede do significado da palavra; AFIJO (prefixo ou sufixo); DESINÊNCIA – morfema instrumento de concordância; AMONEMA – elemento assignificativo, classificatório ou eufonizante.**

Se o assunto é verbo, por que deter-se em observações a respeito dos morfemas? Seja reforçada a ideia de que uma das eficácias do Verbo Diagramado está na inspiração do professor Dequi em expor à vista dos estudiosos que o Verbo Diagramado revela com clareza quais os morfemas que compõem a forma verbal. É pertinente o registro de Dequi, 2007, quando diz que “sufixo é morfema derivador de novas palavras”. Por essa razão, o Verbo Diagramado usa “sufixo modo-temporal”,

pois, como se vê pelo exemplo, “canta” é uma palavra e “cantava” é outra. Então, o morfema que veio após o radical, ao dar origem a outra palavra é sufixo e não desinência, porquanto desinência é instrumento de concordância.

Mas, para que o estudante fique vacinado, com apoio em mais uma lição da teoria Dequiana, fiquemos ao redor dos amonemas. Eles são elementos intravocabulares desprovidos de significação. Quase sempre são utilizados para facilitar ou eufonizar a prolação da palavra que os contém. São eles: vogal temática, vogal de ligação, consoante de ligação, fonemas protéticos. Reconhecer os amonemas é medida que se impõe, para que o estudante fique atento quando, em uma prova, um morfema está em destaque e a questão quer saber se é amonema, se é sufixo, se é prefixo, se é desinência. No estudo dos morfemas, mais uma contribuição da Neopedagogia para o brilho do Verbo Diagramado.

Uma das lições do professor Dequi é a de que “a distribuição dos elementos estruturais dos verbos não tem justificativas diacrônicas”. A análise feita nada tem a ver com o desenvolvimento da Língua Portuguesa ao longo do tempo. O Verbo Diagramado fugiu da diacronia para calcar-se na praticidade e fazer com que professores e estudantes sorrissem ao perceber o quanto ficou mais fácil reconhecer os morfemas nas formas verbais. Uma leitura atenta do diagrama mostrará que, no início do gráfico, se pode observar os elementos estruturais assim distribuídos: RADICAL, VT (vogal temática), SMT (sufixo modo-temporal) E DNP (desinência número-pessoal). Como identificar cada um dos morfemas com segurança?

A pergunta final do parágrafo anterior é respondida com lembretes jamais comentados por gramáticas tradicionais. Localizado o radical, conforme o comentário já feito, a vogal temática pede presença, mas é imprescindível olhar com atenção que ela jamais aparece na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Na terceira conjugação, a vogal temática, a rigor, torna-se visível na primeira pessoa do plural: eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem. Antes que alguém se manifeste, dizendo haver um paradoxo na afirmação, porquanto a VT “i” está visível na segunda pessoa do plural, mais uma lição do professor Dequi esclarece: na segunda pessoa do plural, a VT “i” não aparece, pois formou crase com o “i” desinencial.

4 Luzes para reconhecer os morfemas

Sempre exato e preciso, marcando as suas lições com a exatidão que o caracteriza, o Mentor da Neopedagogia e do Verbo Diagramado, o professor Dequi, traz, assim, mais luzes aos elementos linguísticos das palavras, ensinando, já, no primeiro volume do Verbo Diagramado, que “ao surgir uma forma verbal terminada por “i”, este fonema, ainda que esteja formando crase, deve ser considerado *desinência número-pessoal*”. O esclarecimento é imprescindível a fim de que ninguém se surpreenda com a conjugação do verbo assistir, página 110, da obra Neopedagogia da Gramática (anexos). Eis aí o presente com as particularidades necessárias: eu assistO, tu assistEs, ele assistE, nós assistImos, vós assistis, eles assistEm.

Ao chamar a atenção para o fato de que o sufixo modo-temporal (ou a desinência modo-temporal) somente aparece na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, o Verbo Diagramado está ensinando com muita nitidez como conjugar o pretérito perfeito, o pretérito mais-que-perfeito, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Exemplifiquemos com o verbo vencer: eu venci, tu venceste, ele venceu, nós vencemos, vós vencestes, eles venceRAM. Ora, se o morfema RA é sufixo modo-temporal, depreende-se, com clareza, que os elementos estruturais podem ser identificados com facilidade: a primeira coluna destina-se ao radical, a segunda à vogal temática, à terceira ao sufixo-modo temporal e a última à desinência número-pessoal. Recordando: a ordem dos elementos estruturais no Diagrama é *radical, vogal temática, sufixo modo-temporal e desinência número-pessoal*. Ao colocar em evidência o sufixo modo-temporal, o professor Dequi quis salientar o quanto é fácil reconhecer os outros morfemas e que é ele que diz o tempo e o modo em que o verbo está conjugado.

Vamos mencionar, como exemplo, o sufixo modo-temporal que identifica o pretérito imperfeito do indicativo: para a primeira conjugação é VA e para a segunda e terceira conjugações é IA. Ao conjugar qualquer verbo da primeira conjugação no pretérito imperfeito, lembrando que o SMT é VA, com facilidade identificaremos o radical e a vogal temática, porquanto esta e aquele sempre ficam à esquerda do SMT. Também muito fácil é concluir que “aquilo que ficar à direita do SMT é a desinência número-pessoal”. Qual o SMT do pretérito imperfeito do verbo passear? A resposta é rápida: o SMT é VA. Então, conjuguemos o verbo passear, colocando

em destaque o SMT: eu passeava, tu passeavas, ele passeava, nós passeávamos, vós passeáveis, eles passeavam. Qual a inferência que nos faz sorrir? Guardar na memória que “aquilo que está à esquerda do SMT está reservado ao radical e à vogal temática, e que “as letras que vêm após o SMT” são chamadas de desinências.

Para afastar dúvidas, torna-se necessário fazer menção a outro ponto destacado pelo Verbo Diagramado: a terminação OU, em qualquer forma verbal, tem de ser analisada assim: “o” é vogal temática transformada, e “u” tem de ser interpretado não só como desinência número-pessoal da primeira pessoa do singular dos verbos irregulares (eu estOU, eu sou, eu vou), mas também como desinência número-pessoal da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo dos verbos regulares (ele cantOU, ele estudOU, ele orOU). No pretérito perfeito da segunda e da terceira conjugações, U é sujeito de uma advertência: U é sempre desinência. Que é que é sempre desinência no pretérito perfeito? U.

A lição vale para os verbos da segunda e da terceira conjugação? Mais do que **palrar regras monotamente**, tagarelar enfadando, o ato de conjugar revela que as ponderações acima são verdadeiras. O professor Dequi sempre recomenda que a folha diagramada seja mantida sem alteração, porque, em todos os estudos do verbo, tal imagem alimenta a memória visolocativa, localizando qualquer regularidade ou irregularidade. É o que nos dizem os verbos vencer e assistir: eu vencIA, tu vencIAS, ele vencIA, nós vencÍAmos, vós vencÍEis, eles vencIAM; eu assistIA, tu assistIAS, ele assistIA, nós assistÍAmos, vós assistÍEis, eles assistIAM. Aquilo que fica à direita do SMT é a desinência, aquilo que fica à esquerda do SMT é o espaço reservado ao radical e à vogal temática. À vista disso tudo que foi comentado, impõe-se a afirmação de que guardar na memória o “sufixo modo-temporal” é o segredinho para que se identifiquem os outros morfemas.

No caso específico do pretérito perfeito do indicativo, já foi comentada a importância de lembrarmos que RA, sufixo modo-temporal da terceira pessoa do plural, é o caminho para que seja conjugado qualquer verbo no pretérito perfeito. Olhar atento ao SMT do pretérito mais-que-perfeito – também RA para todas as pessoas (RE para a segunda do plural) – confirma as afirmações que estão sendo feitas: as letras após o SMT recebem o nome de desinências e as que ficam à esquerda são conhecidas como radical e vogal temática. Como SSE é o SMT do pretérito imperfeito do subjuntivo, fica tranquila a identificação dos morfemas de

qualquer verbo: se eu assistiSSE, se tu assistiSSEs, se ele assistiSSe, se nós assistiSSEmos, se vós assistiSSEis, se eles assistiSSEm.

Com efeito, os verbos irregulares requerem um pouco mais de cuidado. Mas, ainda e então, a diretriz do professor Dequi auxilia. Vale repetir que o SMT do pretérito imperfeito do subjuntivo é SSE. Na conjugação do verbo ser – um verbo anômalo (característica dos verbos com várias irregularidades) – continua muito claro um fato: após o SMT é o lugar das desinências: se eu foSSE, se tu foSSEs, se ele foSSE, se nós fôSSEmos, se vós fôSSEis, se eles foSSEm. O que está no lado esquerdo pertence a um radical irregular. Em resumo: nunca foi tão fácil identificar as desinências de qualquer verbo.

4.1 Importância dos morfemas

O Verbo Diagramado destaca que um dos grandes objetivos do ensino pelo diagrama reside em um fato que tira uma grande inquietação dos estudantes. É aquela meta de conduzir ao domínio da verdadeira função de cada morfema constituinte do mais importante determinante da língua que é o VERBO. O conhecimento dos elementos estruturais tem, pois, fundamental importância. O outro alvo a ser atingido ganhará materialidade se o estudante seguir a diretriz de que o gráfico inovador prepara o caminho para o pleno domínio de todos os verbos irregulares que constituem um dos maiores problemas para aqueles que lidam com o idioma de Camões e de Machado de Assis.

Pela magna importância do reconhecimento dos morfemas verbais, observemos novamente os seus pormenores. Voltemos ao pretérito perfeito do indicativo. O sufixo modo-temporal aparece somente na terceira pessoa do plural. Conjuguemos o verbo andar: eu andei, tu andaste, ele andou, nós andamos, vós andastes, eles andaRAM. Como a ordem no gráfico é RADICAL, VOGAL TEMÁTICA, SUFIXO MODO-TEMPORAL E DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL, o estudante que guardar na sua memória o local do SMT passa a perceber algo lógico: aquilo que vem antes do SMT é o radical e a vogal temática, dando-se conta, como já se discutiu acima, que a desinência número-pessoal é o que vem após o SMT.

Começando a observar a terceira pessoa do plural, fica perceptível em “andaram” que “AND” é o radical e “A”, a vogal temática. Então, na área reservada

ao radical e à vogal temática só podem aparecer o radical “AND” e a VT “a”, ou seja, o tema. Ora, como o SMT só marca presença na terceira pessoa do plural, as outras letras fazem parte da desinência número-pessoal. E é assim, conforme exposição anterior, que acontece com os outros tempos. Basta fixarmos os sufixos modo-temporais para analisarmos com naturalidade onde ficam as desinências e onde ficam o radical e a vogal temática.

4.2 Por que Dequi uniu o presente do indicativo com o do subjuntivo

O professor Francisco Dequi tem manifestado o seu pensamento de que o critério tradicional de apresentar o estudo do verbo separando os modos não traz qualquer vantagem didática. Por que Dequi fez tal assertiva? Por uma razão muito simples: fiel à sua consciência de educador e pesquisador, o Mentor do Verbo Diagramado deu-se conta de um novo caminho bem mais vantajoso que favoreça a aprendizagem. Favorece como? Isso já foi discutido, analisado e debatido. Retornando, favoreceu no momento em que Dequi, a exemplo de Einstein, se deu conta da inter-relação de tempo e espaço, pondo em evidência a importância de dar vida ao Diagrama provando que o “espaço” destinado ao presente do subjuntivo é abaixo do presente do indicativo, porquanto este deriva daquele.

No estudo desse relacionamento entre tempo verbal e o espaço que realmente outros tempos devem ocupar, o professor Dequi revolucionou o estudo mostrando, então, que o presente do indicativo é a origem do presente do subjuntivo e, por extensão, do imperativo afirmativo e do imperativo negativo, dando a conhecer a quem estuda que o verbo precisa se “mexer”. Mexer bem em sintonia com a etimologia, pois “mexer” tem origem em *miscere*, misturar. Misturar-se com a acepção denotativa de *associar-se ou unir-se a outro verbo com o qual tenha uma inter-relação*. Ao fazer tal registro, o professor Dequi quis dizer que o verbo precisa *imprimir movimento a si*, saindo do seu lugar e ocupar outro espaço.

Quando o verbo sai do seu lugar e ocupa o espaço que lhe permite realizar a conexão com o tempo com o qual haja um relacionamento efetivo de *tempo/espaço*. O outro caminho vislumbrado que somente a Neopedagogia viu torna-se real. Por essa razão, o segundo quadro do Diagrama une o pretérito perfeito do indicativo com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, com o imperfeito do subjuntivo e com o futuro do subjuntivo. Tal alinhamento dos tempos verbais ganhou essa forma,

porquanto o pretérito perfeito do indicativo é **a fonte iluminada da qual derivam os outros tempos do segundo quadro**. Com base nos considerados feitos, a inferência é clara: o professor Dequi seguiu o critério da derivação para fazer a montagem do diagrama com a respectiva distribuição dos quadros. Ao usar tal critério, Dequi aproximou-se de Einstein, pois ele também viu uma inter-relação entre tempo e espaço.

Esse relacionamento do tempo verbal com o espaço que deve ser ocupado pelos tempos derivados está demonstrado que é a melhor solução. Em tese, a gramática tradicional pode gritar e discordar, mas, como a realidade há de ser a base de qualquer plano de trabalho detalhado, é imperativo o registro de que as experiências feitas com crianças tornam evidente o grande efeito de que o diagrama deve ser infragmentado por propiciar aprendizagem mais efetiva. Pode-se afirmar que, da quinta série aos cursos de pós-graduação, o estudo do Verbo Diagramado está contribuindo para que os estudantes percebam, com alegria, o mundo encantado dos verbos.

5 Como lidar com o verbo composto

Outra contribuição muito proveitosa para a comunicação em Língua Portuguesa está relacionada com o estudo do verbo composto. Análise fria de observações revela que, por vezes, o professor graduado vacila. Como combater essa falta de firmeza? O Verbo Diagramado tem o remédio. O primeiro verbo do conjunto, o auxiliar, está encarregado de fazer a concordância verbal com o sujeito, e o último verbo, o fundamental, tem a incumbência de receber os complementos verbais: o objeto direto, o objeto indireto e o agente da passiva. Saliente-se, todavia, que também compete ao verbo principal receber as circunstâncias adverbiais.

As hesitações ou dúvidas até de professores podem desaparecer simplesmente guardando mais uma das lições do Verbo Diagramado. Analisemos: o verbo auxiliar vem à frente do tempo e do modo. Todavia, duas exceções existem: na voz ativa, jamais aparecem o presente e o imperfeito compostos, mas eles estão entrando em cena por fazerem parte das formas verbais compostas do pretérito perfeito e do pretérito mais-que-perfeito. Assim, o pretérito perfeito é formado pelo presente do indicativo mais o particípio do verbo principal. Pausa que se impõe: os

tempos compostos da voz ativa são formados pelos auxiliares TER e HAVER, seguidos do particípio do verbo que se deseja conjugar, particípio esse que recebe a designação do verbo principal.

Acionando a memória visolocativa, até para reforçar a tese da importância daquilo que é prático, constatamos que fica fácil conjugar os tempos compostos, conforme a explanação acima. Pretérito perfeito: eu tenho / hei *cantado*; eu tinha / havia cantado. O presente do indicativo sai do lugar e ocupa um espaço (lembra de Einstein novamente, sempre que se fala em relação de tempo e espaço) ao lado do particípio. É assim também com o imperfeito do indicativo, o qual, para formar o pretérito mais-que-perfeito, passa a ocupar outro espaço: agora ao lado do particípio. Na sequência das reflexões, um clarão a mais é trazido pelo Verbo Diagramado: o particípio após os auxiliares TER e HAVER não flexiona. Por não flexionar, não concorda com o sujeito do verbo composto nem com o complemento verbal.

Vamos pôr em ação a memória visolocativa mais uma vez. O particípio fica invariável na voz ativa, mas, na voz passiva, ele flexiona, efetuando a concordância necessária. Quais os verbos auxiliares que formam os tempos compostos na voz passiva? SER ou ESTAR é a resposta. Tais verbos, seguidos do particípio do verbo que se quer conjugar, indicam a voz passiva. Nessa voz verbal, o particípio flexiona em número e em gênero. Como é preciso transmitir com eficácia as mensagens da obra Verbo Diagramado, um recado que também é importante: na voz passiva, não se usa o imperativo.

Além dos vários ângulos examinados no mundo dos verbos, parece prudente recordar a semelhança e a diferença do infinitivo pessoal e do futuro do subjuntivo no confronto dos verbos regulares e dos irregulares. Eles são iguais nos verbos regulares e diferentes nos verbos irregulares. É assim com todos os verbos. Mas, essa diferença nos verbos irregulares tem de ser destacada, porquanto a experiência mostra que têm ocorrido vacilações para conjugar o futuro do subjuntivo e, por extensão, dificuldades para entender o porquê da diferença com o infinitivo pessoal. O verbo “reaver” é um bom exemplo do quanto é válida a assertiva de que “é assim com todos os verbos”. Então, cuidado com os verbos com alguma anomalia, com qualquer desvio da característica regular.

No caso específico do verbo “reaver”, o futuro do subjuntivo aparece assim: quando eu reouver, quando tu reouveres, quando ele reouver, quando nós

reouvermos, quando vós reouverdes, quando eles reouverem. O infinitivo pessoal, por sua vez, não se desvia daquilo que lhe é próprio: acrescentar ao radical do infinitivo o sufixo modo-temporal e as desinências número-pessoais: reaveR eu, reaveREs tu, reaveR ele, reaveRmos nós, reaveRdes vós, reaveREm eles. Qual a diferença com o futuro do subjuntivo? O radical do pretérito perfeito é “reouv”. Em síntese: conjugar com clareza o presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo é medida que se impõe, porque deste derivam o pretérito mais-que-perfeito, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo, enquanto daquele derivam o presente do subjuntivo e os imperativos.

6 Francisco Dequi, Hanna Arendt e Alberto Einstein

Imperioso é o registro de que o professor Francisco Dequi dedicou seis anos aos estudos do Verbo Diagramado. O fato faz-nos pensar de novo em Einstein. Dizia o grande físico que aquele a quem seja estranha a sensação do místico, enfatizando que aquele que não mais possa devanear e ser empolgado pelo encantamento não passa na verdade de um morto. Conforme já referido antes, essas palavras do autor da Teoria da Relatividade estão no início da obra de Lincoll Barnett: O Universo e Dr. Einstein. Dedicar seis anos só ao Verbo Diagramado é um indicativo de que Dequi é um pesquisador empolgado. Quem é empolgado por um ideal e age sem parar até construir uma obra de arte é prova viva de que “a ação é uma das mais significativas experiências humanas”, como bem definiu Hanna Arendt.

Um trabalho dessa envergadura idealizado pelo professor Dequi nasceu no cenário da Língua Portuguesa porque não se admite decorar os verbos de maneira mecânica, vendo-os como algo tedioso. Realce que sempre deve ser destacado é o de que o Verbo Diagramado permite ao estudante entender a estrutura interna das formas verbais, daí a razão por que os morfemas são estudados. Deve ser enaltecida também a inspiração do professor Dequi ao provar que os tempos verbais não podem ficar em inércia eterna, movimentando-os e aproximando-os daqueles que lhes dão origem. O professor Dequi idealizou assim por se dar conta de que os verbos aproximados por critérios modais não trazem qualquer vantagem.

Ao juntar os verbos adotando critérios de derivação, o Verbo Diagramado tem igualmente a virtude de facilitar a conjugação irregular, mostrando, como já se

discutiu, maneiras inovadoras e de alto alcance educacional, e pondo em evidência também como lidar, prazerosamente, com os verbos. Era necessário que aparecesse, no horizonte do idioma de Camões, o caminho diferente para que se comece a ver o encanto com a conjugação verbal. Considerando a impressão geral dos gramáticos, parece até que há exagero em se afirmar que pesquisas gaúchas estão indicando novos tempos. Aleluia! Podemos dizer “aleluia!”, porque, sob o comando do professor Francisco Dequi, os estudos feitos em solo gaúcho estão mesmo fazendo uma revolução no trato com os verbos, estimulando os estudantes a uma conexão nunca vista com as questões verbais.

Antes de chegar às considerações finais, convém ainda enaltecer como virtude do Verbo Diagramado, a regra áurea da conjugação: “Todo verbo derivado segue a conjugação do seu primitivo”. A advertência parece simples, mas não o é. É mais útil do que se pensa. Qual será o motivo por que Bancas Examinadoras de concursos públicos pedem, com certa frequência, a conjugação de verbos compostos de “vir”, como, por exemplo, “reconvir”, que significa recriminar um acusador com a finalidade de diminuir o valor da acusação”. Juridicamente reconvir é a ação do réu em propor “reconvenção” contra o autor da demanda. Aí, em provas, tem aparecido algo assim: o réu reconviu... Ora, quem não recordar a regra áurea dirá que está correto. Mas, pelo fato de o verbo seguir a conjugação do seu primitivo, a forma adequada é “*reconveio*”. Por ser assim, não se aceita “interview”, mas “*interveio*”.

Considerações finais

Após viajar com o Verbo Diagramado por “mares nunca dantes navegados pela gramática tradicional”, ficou a impressão de que o epílogo do trabalho poderia ter dois títulos: Considerações Finais e Conclusões. Um dos indicativos do assunto, as conclusões, mereceria o destaque por trazer à discussão fatos novos como a conexão Albert Einstein e Francisco Dequi, além de ater-se a comentários a respeito do narcisismo de professores e, ressaltar-se, também por defender a ideia de que o Verbo Diagramado pode imunizar estudantes contra reflexos condicionados negativos. Todavia, no que se refere às “Considerações finais”, como elas abrangem mais aspectos, coube-lhes o espaço para indicar o fecho do trabalho.

Constatar que Einstein e Dequi têm vários pontos em comum no seu agir foi algo motivador para longas reflexões. Com o notável cientista e com o incansável pesquisador, o professor Dequi, percebe-se o zelo com uma pedagogia prazerosa. Por isso, o destaque para aquele pensamento de que é necessário inventar de novo um caminho mais agradável para os estudos. É o que Dequi fez com a Neopedagogia e com o Verbo Diagramado. Ressalte-se, também, nos dois, o encantamento com a obra a ser construída.

Outro aspecto que merece relevo especial é o fato de Dequi ter se dado conta de que o espaço reservado abaixo do presente do indicativo tem de ser reservado ao presente do subjuntivo para obstar dificuldades aos estudantes. O realce que se pede a essa relação tempo/espaço no verbo é a comprovação de que no campo de ação da Língua Portuguesa também se percebe um inter-relacionamento entre tempo e espaço. Esse relacionamento condicionado por atitudes recíprocas lembra Einstein, pois com o genial cientista foi possível perceber que o tempo verbal e o espaço aberto pelo critério derivacional não podem ser considerados independentemente um do outro, tendo em vista a importância didática do novo caminho visto pelo professor Dequi com o Verbo Diagramado.

Viu-se, ao longo das leituras para realizar o trabalho, ser preciso ir ao encontro de pensadores e de estudiosos. Por essa razão, Hanna Arendt foi chamada ao debate, porquanto, nessa pensadora judia, foram encontrados subsídios para comentar o trabalho do professor Francisco Dequi, idealizador do Verbo Diagramado, durante seis anos. Na apreciação do tema, emergiram ideias, as quais conduziram o autor do trabalho à leitura de livros como “Dê a seu Filho uma Inteligência Superior” e “Domine o seu Sistema Nervoso”.

Uma das conclusões a ser registrada é a de que devemos dar graças a Deus pelos apóstolos dedicados ao Ensino. Em janeiro de 2011, no Rio de Janeiro, o autor do trabalho participou de um encontro na Academia Irajaense de Letras e Artes. Entre as anotações feitas, merecem destaque os versos do poeta Varlô Ôlo de Oliveira, Presidente-Fundador da Arcádia Brasília de Artes e Ciências Estéticas: “Bendito aquele que espalha cultura ao seu semelhante: em vez de fogo de palha, semelha um fanal brilhante!” É preciso bendizer o trabalho do professor Dequi pelas luzes que trouxe ao estudo da *Última Flor do Lácio*.

Seja registrado, finalmente, que a reflexão a respeito do mundo encantado dos verbos deve continuar. De que maneira? Tendo o Verbo Diagramado como um

dos livros de cabeceira. No dizer de Hanna Arendt, como se viu ao longo do texto, “a ação é uma das mais significativas experiências humanas”. Agir, lendo e relendo um livro sobre verbos que nos revele como a pedagogia do prazer é real, é algo festivo para a alma.

Referências

ARENDDT, Hanna. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BARNETT, Lincoln. *O Universo e o Dr. Einstein*. São Paulo: Melhoramentos, 1950.

DEQUI, Francisco. *Neopedagogia da Gramática*. Canoas, IPUC, 2006.

_____. *Verbo Diagramado*. Canoas: Printipuc.

_____. *Verbo Diagramado*. 7. ed. Canoas: IPUC, 2002.

_____. *Redação por Recomposição*. 12. ed. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos - CES, 2002.

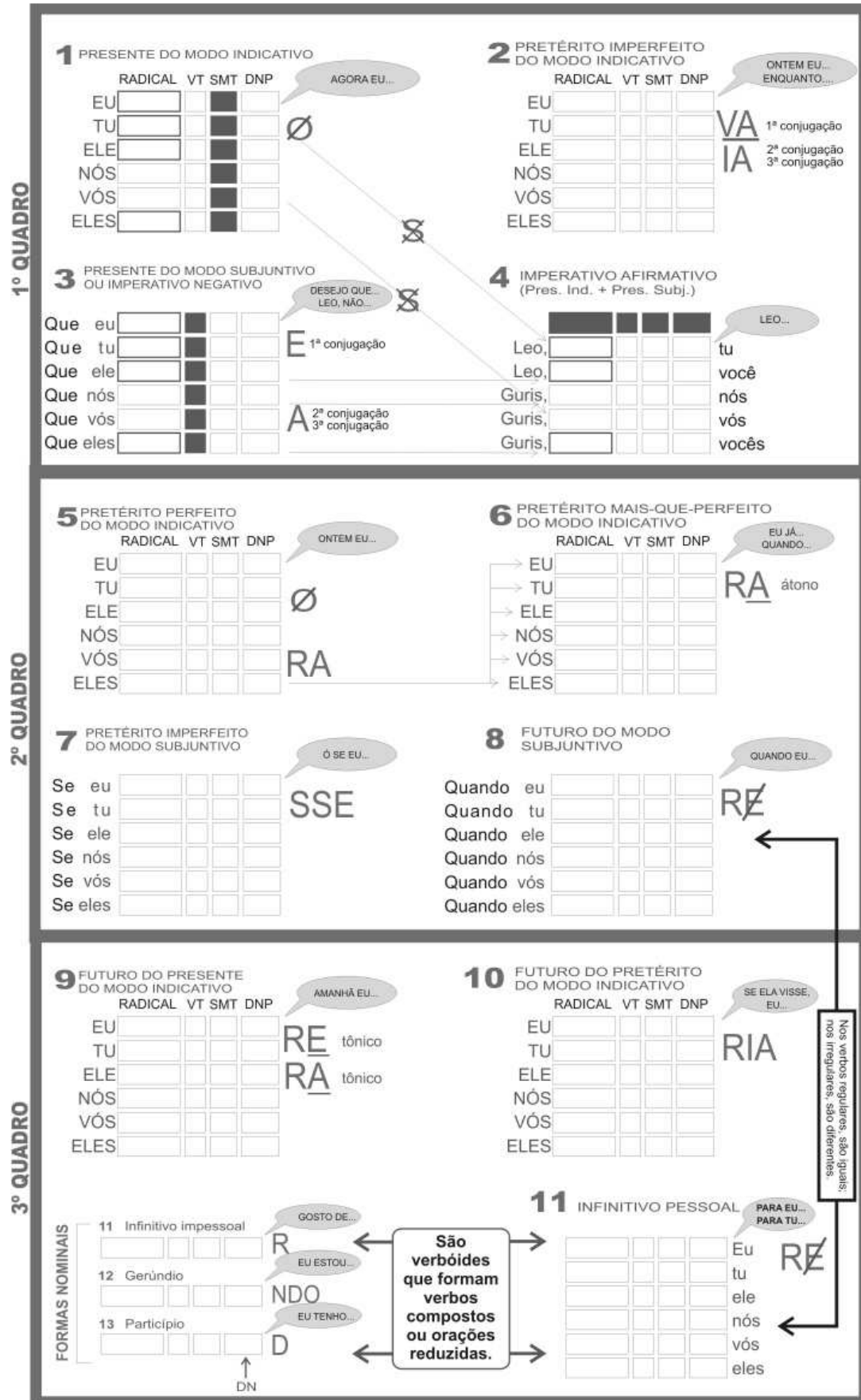
ENGELMANN, Siegfried & Therese. *Dê a seu Filho uma Inteligência Superior*. São Paulo: Globo, 1976.

FINK, David Harold. *Domine o seu sistema nervoso*. Rio de Janeiro: Editora Científica.

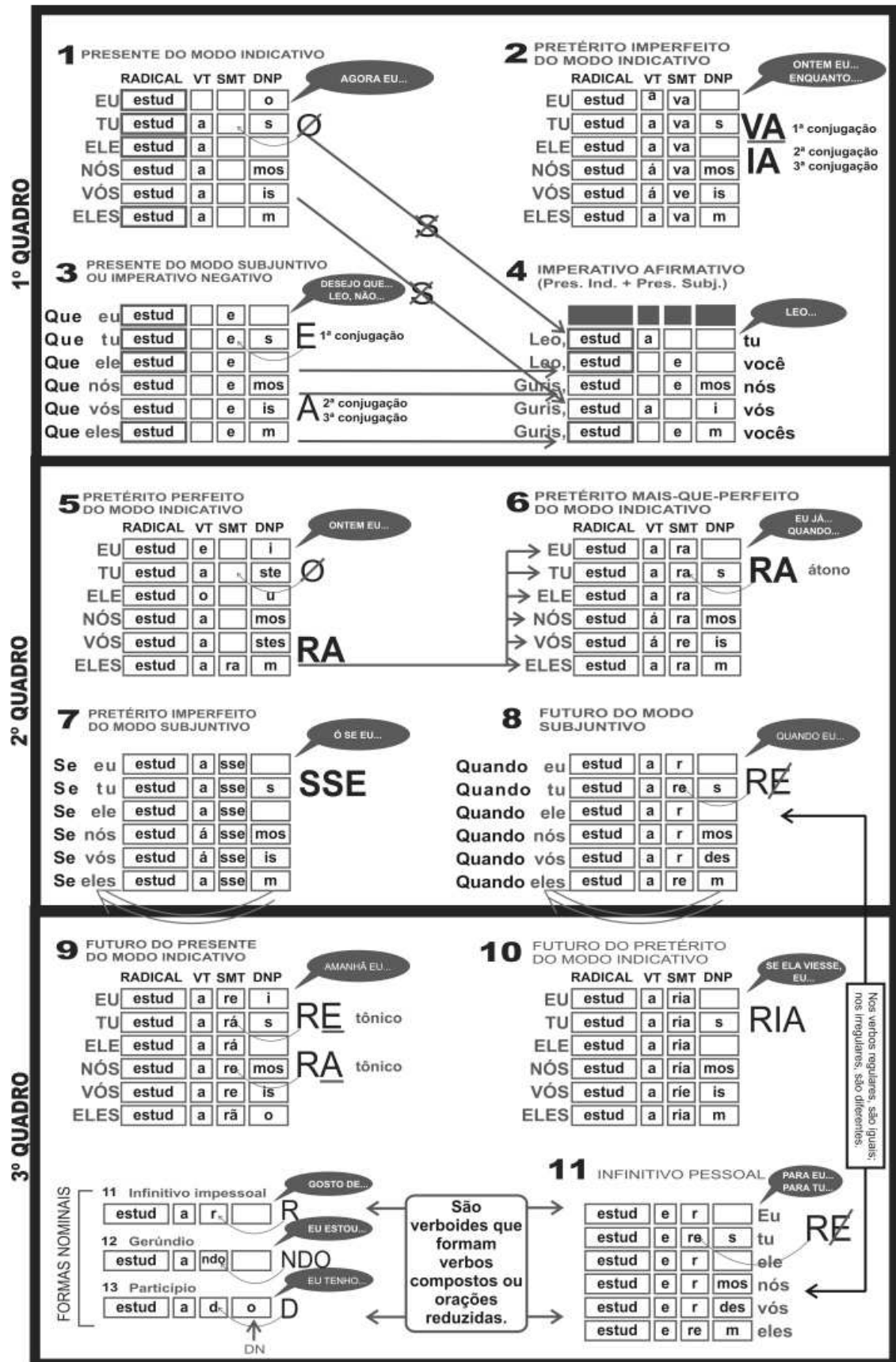
LINS, Ivan. *Para Conhecer Melhor Antônio Vieira*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1974.

OUTEIRAL, José Ottoni. *Adolescer – Estudos sobre Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

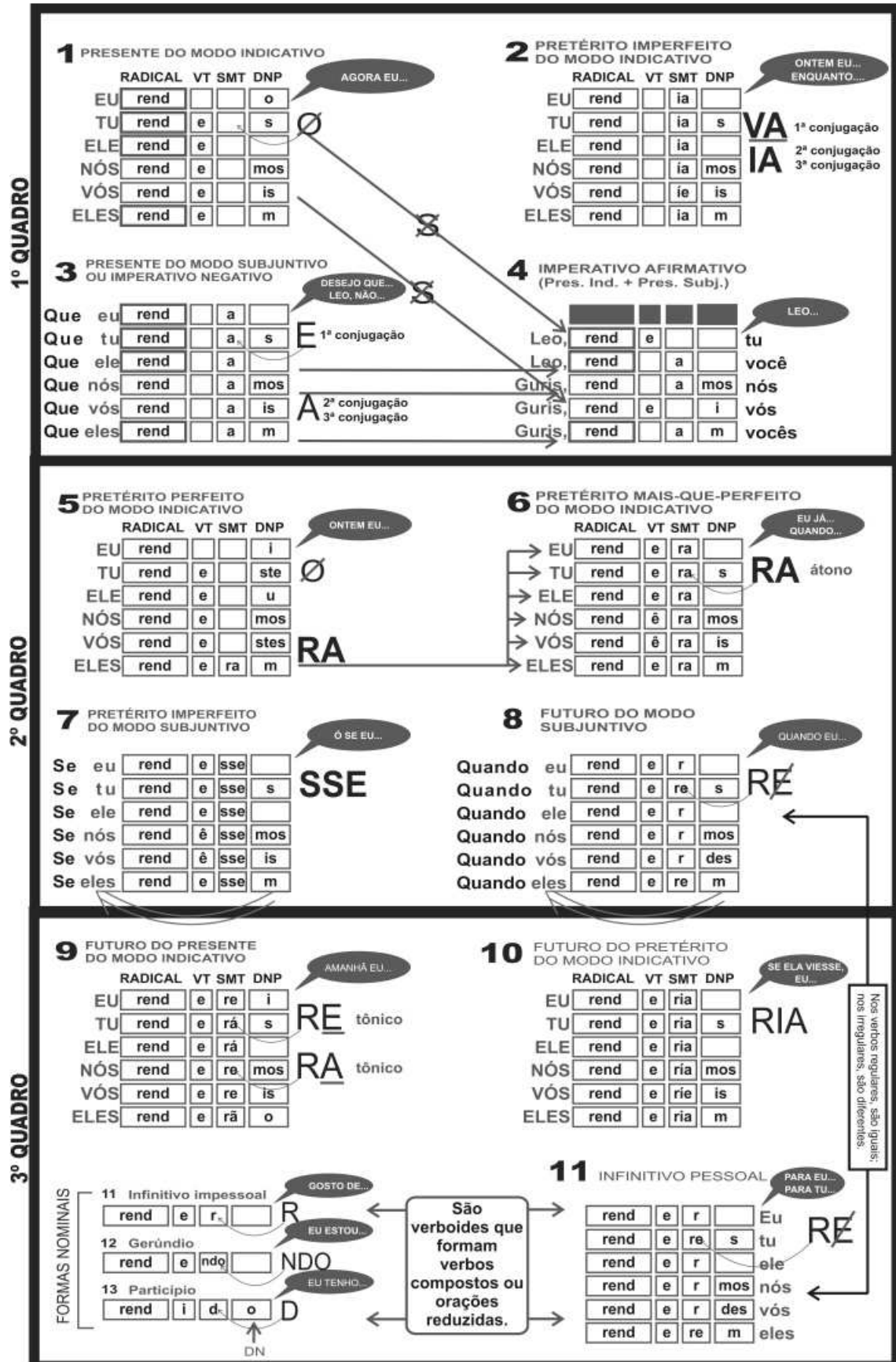
Anexo A – Diagrama em branco.



Anexo B – Diagrama com verbo de primeira conjugação.



Anexo C – Diagrama com verbo de segunda conjugação.



Anexo D – Diagrama com verbo de terceira conjugação.

